

Texto evocativo dos 50 anos do 25 de abril – Forjães

Assembleia de Freguesia de Forjães, sessão de 22 de abril de 2024

Caríssimos Forjanenses,

Hoje, quando assinalamos os 50 anos de Abril, é também imperioso que a Assembleia de Freguesia, enquanto órgão legitimado pelo poder democrático saído da Revolução, evoque e recorde o valor da Liberdade dela resultante.

Se hoje aqui estamos, de forma totalmente livre e despegada de receios e sombras, despidos de medos, mas comprometidos com a responsabilidade que a liberdade nos dá, não devemos esquecer o quão difícil foi esta conquista.

É nosso dever, e neste órgão em particular, recordar aos mais novos, às novas gerações, o que foram as vivências pré-abril, o que foi viver em ditadura, o que foi abril e as construções daí saídas e que ainda hoje cuidamos. Sim, porque, e temos provas disso quando olhamos à nossa volta, nada é garantido, nada é eterno. De facto, como ouvi alguém dizer, recentemente, a “história mostra que não aprendemos com a história.”

Nesse sentido, a Liberdade deve ser cuidada, alimentada e explicada e honra seja feita às publicações que, em Forjães, vão registando esses momentos, pelo que, acredito, também estas evocações que hoje fazemos, serão, no futuro, um recordar deste momento.

Também esta Assembleia, com este registo, pretende prestar uma justa homenagem aos que fizeram e fazer Abril, pelo que começo por agradecer o terem aceite o repto lançado para esta evocação.

Assim, permitam-me citar aqui quatro ou cinco obras que serão relevantes para a história local em termos do que foi 25 de abril e seu impacto em Forjães, isto em jeito de repto para a produção de novos registos, pois importa ouvir e registar os depoimentos daqueles que, sendo de Forjães, lutarão por uma Portugal justo e democrático. Devemos isso aos que, antes de nós, fizeram este percurso.

Numa altura em que vemos movimentos nacionais a defender que se assinale, também, o 25 de novembro de 1975, vem-me à memória o livro de Gil Abreu, “**25 de abril de 1974 e 25 de novembro de 1975 – tópico de análise**”, aqui apresentado neste auditório, em 6 novembro de 2021. Aliás, este espaço é o marco central deste processo de democratização. Foi muito mais do que uma escola, tal como hoje se assume como o centro efetivo da vila forjanense, qual ágora grega.

Regista o autor, logo na introdução, que “o 25 de Abril de 1974 pôs cobro a uma ditadura de extrema-direita e o 25 de Novembro de 1975 a uma tentativa de outra ditadura de extrema-esquerda.”

Com efeito, como nos é descrito nesse livro, o 25 de Abril de 1974 pôs fim à ditadura salazarista do Estado Novo, ao autoritarismo, à censura, à "Policia Internacional e de Defesa do Estado" (PIDE), à privação de direitos e garantias dos cidadãos, ao cerceamento da liberdade, à Guerra Colonial, e abriu as portas da liberdade, da expressão livre e de opiniões, da democracia, da abertura aos partidos políticos.

Destaco, nesse sentido, **o quadro com o poder democrático** saído desta revolução, que se encontra no átrio principal deste nobre espaço, e que a Junta de Freguesia está a atualizar, enquanto recordatório de uma terra que tem sabido viver e celebrar as conquistas de Abril.

Como refere o mesmo autor, “Mas, para aqui chegarmos, após "meio século de não pensamento", antecedentes houve no combate à ditadura. Assim, muitas individualidades evidenciaram-se contra o fascismo; vários movimentos e partidos revolucionários lutaram contra Salazar; ao longo dos anos, assistimos a repressões, prisões, exílios, atentados, conspirações, manifestações e, por fim, a oposição à Guerra Colonial que, ao longo de 13 anos, corroeu as bases do Estado Novo provocando grande desgaste nas Forças Armadas e na população desembocando no “Movimento dos Capitães”, criado a 25/8/1973, passando em 5/3/1974 a designar-se "Movimento das Forças Armadas" (MFA).

Recordo aqui, a este propósito, o livro editado em conjunto com Luís Coutinho, sobre os **Forjanenses na Guerra Colonial**, onde também se aborda esta questão, e a propósito dos Capitães de Abril, quão gratificante será, no próximo dia 27, ouvir o atual Coronel Castro Carneiro, ele que capitaneou as tropas no Porto, por ocasião da Revolução.

Parabéns, nesse sentido, à Junta de Freguesia por continuar a mostrar que o dia 25 de Abril é muito mais que um feriado, pois há todo um legado a recordar e viver e um conjunto de memórias a preservar.

Destaco, ainda, o livro **“O 25 de abril em Forjães”**, publicado por Gil Abreu em setembro de 2019, um estudioso do tema, entre outras particularidades locais, onde é destacado o **Movimento Democrático de Forjães**, sendo que também Penteado Neiva, na obra **“A Vida política em Esposende 1974-2013”**, fala deste aspeto.

As vivências imediatas do pós-25 de abril de 74, em Forjães, motivaram a elaboração de um pormenorizado relatório manuscrito, de 24 páginas, a 9 de agosto desse ano, que é enviado para o Quartel General das Forças Armadas; em 11 de setembro desse ano é produzido um novo relatório, desta feita com foco na relação entre a Casa do Povo e a Junta de Freguesia; em 14 de novembro é produzido novo documento, desta feita pelo MDF, dando conta que o no ensino básico em Forjães persiste um “venenoso núcleo fascista, foco de racionarismo que tenta encravar o processo de democratização desta freguesia”.

Num dos relatórios citados, o de 9 de agosto de 1974, vemos que o aspirante Oficial Manuel da Veiga Reis, escreve, a dada altura, que **“foram jovens democratas do Forjães SC** (anteriormente fala-se do futebol em 1965 e do seu desligamento, em 1967, da Casa do Povo, passando o clube a participar em provas federadas e tornando-se um “laboratório de experimentação dos ideais democráticos”; destaca-se, ainda a propósito da campanha eleitoral de 1969, **a intervenção de alguns estudantes universitários forjanenses) que tomaram o “dever cívico de «fazer o 25 de abril» em Forjães”**, tendo-se realizado 4 reuniões: 19/05/1970 (no salão paroquial, com a população); 26/05/74 (na Casa do Povo, onde se formaliza o MDF); a 01/06/76 (no salão da escola, onde se faz a ponte com Vila Chã e Antas e se integram elementos das associações locais) e 08/06/74 (eleição dos elementos para a Junta e para a Casa do Povo). Destaco, ainda, a partir do texto, o papel de conciliador que é atribuído ao Pároco, o então Pe. Justino Moreira da Silva.

Há todo um percurso que importa não esquecer, uma caminhada feita e que se deve à postura de homens e mulheres que pensaram nas liberdades individuais, mas também no coletivo e no desenvolvimento da sua terra. Há datas e nomes a relevar para a história local, porventura para efeitos de toponímia; há relatos que importará recolher; há histórias para contar e por contar!

O livro **“Eleições autárquicas em Forjães: 1976/2021”**, também de Gil Abreu, faz esse registo a partir das propostas eleitorais, mas a história do pré e pós 25 de abril, volvidos 50 anos, também precisa de ser registada, ouvindo os seus atores diretos e o tempo vai urgindo.

Também os três volumes da obra **“Forjães: 15 anos de elevação avila 1989-2004 – os passos de uma caminhada”**, uma edição da ACARF/ jornal O Forjanense, apresentam muitos registos desta caminhada que continuamos a fazer, ora mais veloz, ora de em ritmos mais lentos, era sozinhos, ora com mais consensos, mas sempre com foco nas pessoas, no seu bem-estar, procurando fazer sempre tudo por Forjães.

Dos destaques feitos, retenho a importância, que ainda se mantém atual, de se explicarem as decisões à população, de se trabalhar articuladamente com as coletividades e forças vivas locais, bem como com as freguesias vizinhas, isto sem descurar a população estudantil. Há toda uma espécie de ensinamento, de herança, de legado que herdamos de Abril e desta forma garantiremos uma sociedade atenta e comprometida, exigente e disponível, suportada nos principais valores da democracia: liberdade, igualdade, justiça, tolerância, solidariedade, pluralismo e respeito pelos direitos humanos.

A Liberdade saída da Revolução dos Cravos traduziu-se na abertura de um horizonte de possibilidades. Significa a oportunidade de desejarmos ser melhores do que aquilo que fomos, de nos reinventarmos a cada momento, de vivermos com a audácia e olharmos para o futuro sem medos.

Se há 50 anos um grupo de jovens Capitães realizou um golpe de Estado que, em menos de 24 horas, derrubou a ditadura que dominava o país há mais de quatro décadas, iniciando uma A Revolução que agitou o país durante quase dois anos, até às 1^ª eleições livres em 25 de abril de 1975 e à aprovação da Constituição da República Portuguesa, em 10 de abril 1976, hoje celebramos essa memória com gratidão e reconhecimento pelo que foi conquistado, pelo que saúdo todos os que fizeram e fazem acontecer Abril.

Viva Forjães!

Viva a Democracia!

Viva o 25 de Abril.

Carlos Manuel Gomes de Sá

22 de abril de 2024 – Assembleia de Freguesia de Forjães